

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE CIÊNCIAS

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO
E APRENDIZAGEM**

MAYARA CROCE CAMPOS

**INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ E O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM
BEBÊS DE TRÊS MESES**

BAURU

2019

MAYARA CROCE CAMPOS

**INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ E O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM EM
BEBÊS DE TRÊS MESES**

Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, área de concentração Desenvolvimento: Comportamento e Saúde, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues.

BAURU

2019

C198i Campos, Mayara Croce
Interação mãe-bebê e o desenvolvimento da linguagem em bebês de três meses / Mayara Croce Campos. -- Bauru, 2019
63 f. : tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru
Orientadora: Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues

1. linguagem. 2. interação mãe-bebê. 3. Escala Bayley-III. I. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de MAYARA CROCE CAMPOS, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 28 dias do mês de junho do ano de 2019, às 14:00 horas, no(a) Anfiteatro do Departamento de Química da Faculdade de Ciências (Unesp/Bauru), reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Profa. Dra. OLGA MARIA PIAZENTIN ROLIM RODRIGUES - Orientador(a) do(a) Departamento de Psicologia da Educação e Programa de Pós-graduação em Psicologia / Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru, Dra. ELISA RACHEL PISANI ALTAFIM do(a) Neurociências e Ciências do Comportamento / USP - Ribeirão Preto, Profa. Dra. ALESSANDRA TURINI BOLSONI SILVA do(a) Departamento de Psicologia / Faculdade de Ciências de Bauru, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de MAYARA CROCE CAMPOS, intitulada **Interação mãe-bebê e o desenvolvimento de linguagem em bebês de três meses**. Após a exposição, a discente foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA _____. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. OLGA MARIA PIAZENTIN ROLIM RODRIGUES

Dra. ELISA RACHEL PISANI ALTAFIM

Profa. Dra. ALESSANDRA TURINI BOLSONI SILVA

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos às pessoas que, em minha trajetória, jamais deixaram de respeitar meus ideais e acreditar nos meus sonhos. Pessoas estas, que me ensinaram que os objetivos só são alcançados pela dedicação diária, pela responsabilidade e pelo respeito ao próximo. Através do amor incondicional, me incentivaram a continuar na luta constante pelo tão esperado lugar ao Sol. Pai, Mãe e Mariana, não há palavras suficientes para descrever o quanto sou grata por todo apoio concedido e por todas as oportunidades que, por meio de muito esforço, vocês me deram. Muito obrigada.

À minha orientadora Prof. Dra. Olga, por ter conferido a mim sua confiança e permitido a honra de ter meu trabalho conduzido sob seus ensinamentos e experiência acadêmica. Obrigada por ter possibilitado, através de sinais claros de sua vocação, tantos aprendizados que foram transmitidos sempre com muita paciência e benevolência. Obrigada por todas as oportunidades, mas sobretudo pela oportunidade de orientar este trabalho.

À Carol, Taís e Bárbara que, de forma muito generosa e paciente, me introduziram ao mundo do desenvolvimento dos bebês, me ensinando as práticas cotidianas do projeto de desenvolvimento infantil, assim como outros tantos ensinamentos. Além do aprendizado, sou grata pela amizade e pelos sorrisos que demos ao longo desses dois anos.

Às meninas do projeto, por colaborar com a coleta dos dados, com os atendimentos e com todo o carisma recebido.

A todos os envolvidos, diretamente e indiretamente na realização deste estudo.

CAMPOS, M. C. **Interação mãe-bebê e o desenvolvimento da linguagem em bebês de três meses.** 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2019.

RESUMO

Compreender os processos envolvidos desde o início do desenvolvimento da linguagem tem sido o desafio de múltiplas áreas do conhecimento devido a sua complexidade e a gama de variáveis que podem estar correlacionadas. Para alguns estudiosos, as interações iniciais que o ser humano é exposto, desempenha papel fundamental no desenvolvimento de habilidades linguísticas. Culturalmente, a mãe está no cenário das primeiras relações com maior frequência e, por isso, acaba viabilizando mais oportunidades de interação com o bebê. Considerando assim, o presente estudo propôs-se a descrever e relacionar aspectos da interação mãe-bebê no desenvolvimento da linguagem expressiva e receptiva de bebês de três meses. Participaram deste estudo trinta mães e seus bebês com três meses que frequentam um serviço de acompanhamento do desenvolvimento infantil no primeiro ano de vida, em uma universidade pública do interior do estado de São Paulo. Para a avaliação da interação mãe-bebê, a díade foi filmada em situação estruturada em um episódio de três minutos. Para a avaliação das habilidades comunicativas foi utilizada a Escala de Desenvolvimento Bayley-III, contemplando apenas as áreas de Linguagem Expressiva e Linguagem Receptiva. As filmagens foram analisadas através da cotação de comportamentos interativos maternos e do bebê por segundo, utilizando o protocolo Interdíade. Os resultados demonstraram que, tanto as mães quanto os bebês, apresentaram maior frequência de comportamentos positivos na interação da díade. Os bebês apresentaram mais comportamentos de olhar para mãe emitindo sons neutros ou positivos e as mães apresentaram com mais frequência os comportamentos de brincar e de atrair. Em relação à Linguagem Receptiva, maioria dos bebês obteve desempenho abaixo e muito abaixo da média e, em Linguagem Expressiva, a maioria obteve pontuação na média ou acima dela. Na comparação entre Linguagem Receptiva e os comportamentos do bebê, observou-se que os bebês que obtiveram pontuação abaixo e muito abaixo da média apresentaram com maior frequência comportamentos interativos positivos. Em relação aos comportamentos maternos, as mães dos bebês que obtiveram pontuação na média ou acima, apresentaram mais comportamentos positivos. Em Linguagem Expressiva, os bebês que obtiveram pontuação na média ou acima dela apresentaram mais comportamentos negativos e não-interativos e os bebês que pontuaram abaixo e muito abaixo da média, apresentaram mais comportamentos positivos. As mães dos bebês que obtiveram pontuação na média ou acima dela em Linguagem Expressiva, apresentaram mais comportamentos negativos e não-interativos e as mães dos bebês que pontuaram abaixo ou muito abaixo da média apresentaram mais comportamentos positivos. Os resultados podem contribuir para a compreensão do papel das interações iniciais na aquisição de linguagem e o planejamento de intervenções para a otimização desse processo.

Palavras-chave: linguagem, interação mãe-bebê, Escala Bayley-III.

CAMPOS, M. C. **Mother-infant interaction and language development in three-month-old infants**. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2019.

ABSTRACT

Understanding the processes involved since the beginning of language development has been the challenge of multiple areas of knowledge due to their complexity and range of variables that may be correlated. For some studies, the initial interactions that the human being is exposed plays a fundamental role in the development of language skills. Culturally, the mother is in the scene of the first relationships with more frequency and for this reason it ends up making viable more opportunities of interaction with the baby. Considering this, the present study aimed to describe and relate aspects of the mother-baby interaction in the development of expressive and receptive language of three-month-old babies. Thirty mothers and their three-month-old infants attending a child development follow-up service in the first year of life at a university in the interior of the state of São Paulo participated in this study. For the evaluation of the mother-baby interaction, the dyad was filmed in a structured situation in a three-minute episode. For the evaluation of communicative abilities, the Development Scale Bayley-III was used, considering only the areas of Expressive Language and Receptive Language. Filming was analyzed through the quotation of interactive maternal and baby behaviors per second. The results showed that both mothers and infants had a higher frequency of positive behaviors in the dyad. Babies had more mother-to-be-behaving behaviors with neutral or positive sounds, and mothers had more frequent play and attracting behaviors. In relation to the receptive language, most of the babies had below and below average performance and in expressive language most scored on or above average. In comparison between receptive language and baby behaviors, it was observed that the babies that scored below and below the average showed more positive behaviors. Regarding maternal behaviors, the mothers of the babies who scored above or above had more positive behaviors. In expressive language, infants who scored above or above had more negative and non-interactive behaviors, and babies who scored below and below average had more positive behaviors. Mothers of babies who scored above or above expressive language presented more negative and noninteractive behaviors, and mothers of babies who scored below or well below average had more positive behaviors. The results can contribute to the understanding of the role of the initial interactions in the acquisition of language and the planning of interventions for the optimization of this process.

Key-words: language, mother-infant interaction, Bayley Scale-III

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEP - Critério de Avaliação Econômica Brasil

BSDI-III- Escalas de Desenvolvimento Bayley – III

FFSF- Face to face – still face

OM – Olhar para a mãe

OMSPV- Olhara para mãe sorrindo ou emitindo sons positivos ou neutros

CHO – Chorar

CHU/EMP: Chutar/Empurrar

PRO- Protestar

EXPAM- Explorar o ambiente

EXPOBJ- Explorar objetos

EXPCOR- Explorar o próprio corpo

EVIT- Evitar

CUID- Cuidar

ATR- Atrair

ACAR- Acariciar

ACLM- Acalmar

CUIDEXC- Cuidar excessivamente

VERBNEG- Verbalizações negativas

ESTEXC- Estimulação excessiva

INTER- Interromper a atividade do bebê

OPOPS- Olhar para outros pontos da sala

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Caracterização dos bebês e das mães participantes.....	28
Tabela 2- Descrição da média, desvio padrão, mínimo e máximo dos comportamentos conjuntos dos bebês.....	36
Tabela 3- Descrição da média, desvio padrão, mínimo e máximo dos comportamentos conjuntos maternos.....	37
Tabela 4- Correlação entre comportamentos maternos e dos bebês aos três meses.....	38
Tabela 5- Correlação entre desempenho em Linguagem Expressiva e os comportamentos dos bebês.....	38
Tabela 6- Correlação entre desempenho em Linguagem Expressiva e os comportamentos maternos.....	39
Tabela 7- Correlação entre desempenho em Linguagem Receptiva e os comportamentos dos bebês.....	39
Tabela 8- Correlação entre desempenho em Linguagem Receptiva e os comportamentos maternos.....	40
Tabela 9- Descrição dos resultados da BSDI-III em Linguagem Receptiva e Linguagem Expressiva.....	40
Tabela 10- Comparação dos resultados da BSDI-III em Linguagem Receptiva e Linguagem Expressiva em termos de média e desvio padrão.....	41
Tabela 11- Comparação dos comportamentos interativos e não interativos dos bebês dos grupos considerando o desempenho em Linguagem Receptiva.....	42
Tabela 12- Comparação dos comportamentos interativos e não interativos maternos dos grupos considerando o desempenho em Linguagem Receptiva.....	43
Tabela 13- Comparação dos comportamentos interativos e não interativos dos bebês dos grupos considerando o desempenho em Linguagem Expressiva.....	44
Tabela 14- Comparação dos comportamentos interativos e não interativos maternos dos grupos considerando o desempenho em Linguagem Expressiva.....	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Descrição operacionalizada das categorias analisadas nos comportamentos maternos, o Interdiade Adulto.....	30
Quadro 2- Descrição operacionalizadas das categorias analisadas nos comportamentos do bebê, o Interdiade Bebê.....	31
Quadro3- Descrição dos comportamentos avaliados no subtete de Linguagem Receptiva.....	32
Quadro4- Descrição dos comportamentos avaliados no subtete de Linguagem Expressiva.....	33

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A-	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.....	58
-------------	--	----

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1-	Critério de Avaliação Socioeconômica Brasil - ABEP	59
----------	--	----

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	12
2 INTRODUÇÃO.....	14
3. OBJETIVOS.....	26
3.1 Objetivo geral.....	26
3.2 Objetivos específicos.....	26
4 MÉTODO.....	27
4.1 Participantes.....	27
4.2 Materiais e instrumentos.....	29
4.2.1 Para avaliação dos dados sociodemográficos.....	29
4.2.1 Para a avaliação da interação mãe-bebê.....	30
4.2.2 Para a avaliação da linguagem expressiva e receptiva.....	31
4.3 Procedimentos.....	34
4.3.1 Procedimentos de coleta de dados.....	34
4.2 Procedimento de análise de dados.....	35
5 RESULTADOS.....	36
6 DISCUSSÃO.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	51

1 APRESENTAÇÃO

A presente pesquisa integra o projeto “Prematuridade: percepção materna, saúde emocional materna, interação mãe-bebê e desenvolvimento infantil”, desenvolvido pela Prof. Dra. Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Bauru e, também, custeado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

Esse projeto é desenvolvido na Clínica de Psicologia Aplicada (CPA) da referida universidade, junto ao projeto de extensão intitulado “Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação aos pais”, que é também coordenado pela Prof. Dra. Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues e tem suas atividades desenvolvidas desde do ano de 1999 .

O projeto de extensão acompanha o desenvolvimento infantil de bebês participantes, mensal ou trimestralmente, dependendo de como está o desenvolvimento dos bebês. Aqueles que necessitam de mais estimulação, vão ao projeto mensalmente, em que são avaliadas as diferentes dimensões do desenvolvimento dos bebês e seus cuidadores recebem orientações para otimizá-lo. Os bebês acompanhados trimestralmente são aqueles, cujo desenvolvimento, está dentro do esperado para sua faixa etária. Diversas pesquisas são realizadas tanto com os bebês, como com suas respectivas famílias. Os bebês que frequentam o serviço podem ser prematuros ou nascidos a termo. Desde 2017, o projeto adotou a Escala Bayley, em sua terceira edição, que é considerada padrão ouro para avaliar o desenvolvimento infantil.

A Escala Bayley contempla diversas áreas do desenvolvimento infantil (Cognição, Linguagem e Desenvolvimento Motor) e, é considerada a mais completa até o momento, sendo intensamente utilizada em muitos países. Entre as áreas avaliadas, a linguagem é dividida em duas dimensões: a receptiva e a expressiva. Entendendo a linguagem como uma parcela significativa do desenvolvimento que, assim como as outras, depende de variáveis

múltiplas e que merecem a atenção dos estudiosos do desenvolvimento, a autora da pesquisa, compreendeu a importância de olhar para essa dimensão do desenvolvimento em uma perspectiva da Análise do Comportamento, por meio da leitura de estudos na área e de como as pesquisas nesse âmbito tem progredido. A autora entrou no projeto no ano de 2017 junto ao ingresso no mestrado.

Partindo desse viés e compreendendo as interações iniciais como uma fração expressiva do desenvolvimento da linguagem, surgiu o interesse por compreender de que forma os comportamentos da mãe e do bebê em situação de interação podem ter incidência no desenvolvimento de linguagem dos bebês.

2 INTRODUÇÃO

2.1 O papel da interação no desenvolvimento da linguagem

A aquisição da linguagem perpassa por um percurso complexo que depende de variáveis ontogenéticas e sociais. A linguagem não se configura como fato isolado, é parte do desenvolvimento global dos seres humanos e necessita de uma sucessão de transformações no comportamento da criança e em aspectos do seu ambiente para o seu surgimento e pleno desenvolvimento (FRANCO; LOPES; LOPES-HERRERA, 2014).

Para melhor compreensão do desenvolvimento humano, Gehm (2012) realizou um estudo na ótica analítico-comportamental, em que recupera a definição teórica de desenvolvimento formulada por Bijou e Baer (1978, 1961). Para os autores o desenvolvimento se configura como um processo progressivo, bidirecional e interativo entre indivíduo e ambiente que se dá de modo contínuo e interdependente (BIJOU; BAER, 1978). Deste modo, a aquisição de novos repertórios comportamentais depende de competências adquiridas progressivamente no percurso do desenvolvimento e de oportunidades providas pelo ambiente (GEHM, 2012).

Partindo dessa perspectiva, entende-se que o desenvolvimento é um processo de aprendizagem subjacente da experiência do indivíduo com um histórico de associações entre estímulos e respostas seguidos por um esquema de reforçamento. Portanto, a linguagem, enquanto comportamento, surge a partir de estímulos ofertados pelo ambiente e, as respostas emitidas pela criança, tanto no âmbito da compreensão como da expressão comunicativa e sua manifestação, é reforçada pelas pessoas que a cercam (SCHERMACK, 2011).

Segundo Borges e Salomão (2003), os estudos desenvolvidos por Austin (1952/1990) e Searle (1969/1995) sobre o desenvolvimento da linguagem, colocaram a interação adulto-

criança como fator incidente neste processo, dando visibilidade entre a relação dos primeiros estágios formais da fala e as intenções comunicativas que ocorrem nas interações iniciais.

As primeiras relações estabelecidas a partir do nascimento ocorrem com o cuidador principal da criança que, em sua grande maioria, é representado pela mãe, cuja presença é reforçada pela amamentação. Medeiros e Salomão (2012) e Seild de Moura et al. (2008) consideram as relações iniciais fundamentais para o desenvolvimento sociolinguístico, pois a aquisição verbal/vocal ocorre dentro de um contexto social em que o cuidador modula sua fala ao se dirigir ao bebê pré-linguístico, favorecendo sua participação na interação, apresentando o conhecimento do ambiente que o cerca e as normativas culturais do uso adequado da linguagem.

Camargo et al. (2015) pontuam que a criança, em seus estágios iniciais, faz uso de sinais naturais que não possuem significados, pois estes serão atribuídos mais tarde. Segundo os autores, esses sinais pré-verbais são interpretados pela mãe como um desejo de transmitir ou comunicar algo, fazendo com que, desta maneira, a mãe atribua sentido a esses sinais, aumentando gradativamente a probabilidade de que a criança passe a utilizá-los intencionalmente.

Oliveira e Gil (2007) apontaram que a associação entre variáveis da interação e o desenvolvimento da linguagem, acontece a partir do entendimento de que a aquisição do repertório verbal se estabelece e se mantém por contingências intermediadas pelo reforçamento de outros indivíduos da mesma comunidade verbal. As autoras desenvolveram em seu estudo, uma análise operante da atenção compartilhada nos estágios iniciais para a compreensão da aquisição do comportamento linguístico em bebês. A referida análise demonstrou que a experiência das interações dos bebês com seus cuidadores desempenha uma função fundamentalmente comunicativa, visto que esta abarca as habilidades do bebê em direcionar sua atenção visual para o mesmo evento que o adulto esteja direcionando sua

atenção. Também apontaram que a maior parte dos estudos existentes na área, compartilham a ideia de que os integrantes da díade mãe-bebê, possuem uma intenção comunicativa que auxilia a criança na construção de significados e na compreensão da linguagem de sua comunidade verbal.

Skinner (1957) em sua obra sobre comportamento verbal, apresenta uma análise explicativa do modo como o ser humano adquire o repertório verbal, enfatizando a importância de considerar a linguagem como um conjunto de práticas de um determinado grupo social. Entende-se que, para um indivíduo evoluir em seu repertório linguístico e de vocalizações simbólicas, é necessário que este entre em contato com o repertório de outros indivíduos da mesma comunidade verbal, sendo contingencialmente reforçado de maneira que a comunicação se torne efetiva. Por meio dessa análise, Skinner retoma o caráter mediacional da linguagem (VARGAS, 2007). Assim, o contato com integrantes da cultura que já possuem a linguagem desenvolvida promove um avanço significativo no comportamento verbal (SCHERMACK, 2011; OLIVEIRA, 1997).

Segundo Barros (2003), a aquisição e manutenção do comportamento verbal seguem a mesma lógica dos outros repertórios operantes, ou seja, é aquele que modifica o ambiente e sofre as consequências dessas alterações. Para compreendê-lo, faz-se necessário a investigação dos determinantes na interação entre emissor e ouvinte. Ainda segundo o autor, o desenvolvimento da linguagem na criança pequena é modelado através do seu comportamento vocal, pré-verbal, no qual vai se moldando e aumentando à medida em que suas interações se expandem. Um outro aspecto a ser considerado, é de que o comportamento verbal não exerce somente uma função comunicativa, mas sim adaptativa (BARROS, 2003; SKINNER, 1957).

A partir dessas reflexões sobre o desenvolvimento da linguagem como um comportamento, pode-se descrever que as interações iniciais, principalmente a díade mãe-bebê mantém uma relação contingencial, na qual o bebê tem a frequência de seus

comportamentos verbais/vocais, aumentados ou diminuídos em função dos reforçadores ofertados pela mãe (CHIODELLI, 2016). Portanto, contextos de interação e atenção conjunta atuam como um elemento substancial para a aquisição e manutenção de operantes verbais, tornando os estudos dessa vertente importantes para a compreensão da aquisição do comportamento de linguagem sob determinados estímulos (OLIVEIRA; GIL, 2007; HOLTH, 2005).

A forma verbal que reflete os controles da mãe, assegura a efetividade da ação verbal/vocal do bebê. A linguagem só é ativa na interação se esta assume propriedades topográficas e dinâmicas diferentes (SKINNER, 1957; VARGAS, 2007). Compreender as especificidades dessas formas verbais, auxilia o entendimento da aquisição dos repertórios de linguagem. Skinner (1957), classificou os operantes verbais em categorias. Pode-se dizer que bebês em seus meses iniciais, apresentam alguns desses operantes de forma rudimentar, que são precursores do desenvolvimento da linguagem verbal.

As formas pré-linguísticas utilizadas por lactentes nas interações com seu cuidador principal, se dão por intermédio de choros, olhares, vocalizações de humor e sorrisos. O aprendizado operante desse controle depende das respostas emitidas pela mãe e da frequência de oportunidades de experienciar situações que proporcionem essas manifestações (BRANDÃO, 2006). Recém-nascidos conseguem reconhecer a voz de seus cuidadores e a responder produzindo sons graduais, conforme adquirem o controle voluntário de sua respiração, assim como a capacidade de produzir sons (GOÉS, 2011; HOFF, 2009).

Borlotti (2004), em seu estudo, descreve os operantes verbais primários, entre eles, destaca-se o que é de interesse do presente estudo: *ecóico*. Esse é definido como uma resposta vocal controlada por um estímulo verbal antecedente auditivo (BORLOTTI, 2004; SKINNER, 1957). Considera-se o comportamento ecóico imprescindível para a aprendizagem de outros operantes verbais, pois as respostas vocais são controladas por estímulos

discriminativos verbais auditivos que serão reforçadas se houver coesão entre resposta e estímulo (BARROS, 2003). Em contexto de interação mãe-bebê, podemos sugerir que esse operante ocorre por meio da intenção comunicativa do bebê em repetir o comportamento verbal/vocal da mãe. Aos cinco meses, bebês já são capazes de compreender algumas palavras relacionadas a pessoas e objetos de seu cotidiano. Barros (2003) aponta que os cuidadores iniciam o operante ecóico por meio de estímulos discriminativos, como “mamãe” e “papai” e quando o bebê reproduz, é reforçado.

O bebê se comunica por meios primários que desempenham uma função importante tanto na aprendizagem de outros domínios como na própria aquisição da linguagem. Esses meios primários sinalizam uma intenção comunicativa que são precursores do desenvolvimento linguístico (WEISS; OAKLAND; AYLWARD, 2017). Esse processo é também viabilizado pelo comportamento ecóico do bebê, em demonstrar constantes esforços para reproduzir os sons presentes no ambiente (HOFF, 2009).

2.2 A utilização de observação em estudos de interação

Para que seja viável compreender as variáveis maternas e do bebê atuantes na aquisição do repertório verbal em contexto de interação, é necessário utilizar o método da observação. Para estudos em Psicologia, a observação permite a obtenção de dados que auxiliam na compreensão de comportamentos investigados, sendo a forma mais fidedigna e eficaz (CHIODELLI, 2016; LOTZIN, 2015; CANO; SAMPAIO, 2007).

O método observacional se torna notável por ofertar ao pesquisador o entendimento de quais circunstâncias e como o organismo observado se comporta, principalmente em situações de interações entre seres humanos, em que há condições que improvavelmente poderiam ser

captadas de outra maneira (CANO; SAMPAIO, 2007; DANNA; MATTOS, 2006; KREPPNER, 2001; DESSEN; MURTA, 1997).

Como o processo de interação abarca diversas dimensões que devem ser analisadas de modo operacionalizado, a utilização de filmagens tem se mostrado uma ferramenta efetiva (DESSSEN; MURTA, 1997). Uma das limitações que as pesquisas enfrentavam antes da utilização de filmagens era que, após a observação da situação, não havia possibilidade da mesma ser revista. O desenvolvimento da tecnologia permite que uma mesma filmagem seja analisada diversas vezes, de diferentes espectros, por mais de um observador, viabilizando a criação de novas categorias para cada situação observada (CHIODELLI, 2016; KREPPNER, 2001).

Segundo Bteshe e Estellita-Lins (2011), o interesse em compreender o desenvolvimento infantil e a interação afetiva precoce, abriu espaço para iniciativas científicas que aderiram a utilização da observação mediada por instrumentos de filmagem, que colocaram os bebês como indivíduos atuantes e aptos a interagir em seu meio.

Em 1978, na tentativa de compreender as competências presentes na interação de recém-nascidos, Tronick, Als, Adamson, Wise e Brazelton, criaram um paradigma de filmagem estruturada denominado de *Face-to-Face Still-Face (FFSF)* para testar a hipótese de que recém-nascidos contribuem ativamente às contingências sociais na interação com seu cuidador principal (GIUSTI; PROVENZI; MANTIROSSO, 2018). Este paradigma consiste na apresentação de condições subsequentes. A condição A tem início estando a mãe e o bebê sentados frente a frente, tendo acesso a uma interação face-a-face (Episódio 1). Nesta condição, é sugerido à mãe que interaja naturalmente com o bebê. Na condição B (*still-face* – Episódio 2), após um sinal emitido pelo experimentador, a mãe interrompe a emissão de consequências às respostas do bebê, mantendo contato visual com ele, mas com face neutra. Neste caso, a mãe estabelece uma condição potencialmente estressora para o bebê, pois,

embora ocorram momentos de ruptura na interação cotidiana da díade, a duração não é tão acentuada. Ao término dessa condição, há o retorno da interação na condição C (Episódio 3 – retomada da interação) (TRONICK; ALS; ADAMSON; WISE; BRAZELTON, 1978). Um estudo de revisão e metanálise realizado por Mesman et al. (2009) sobre o FFSF, apontou que este tem sido utilizado em uma grande variedade de estudos com diferentes propósitos de pesquisa, permitindo adaptações para atender diferentes objetivos, não necessariamente utilizando o da proposta inicial, o que demonstra a versatilidade do paradigma.

Além de filmagens estruturadas, também são utilizadas filmagens de interação livre entre mãe e bebê para o estudo dos comportamentos presentes na díade para atender diversos objetivos de pesquisas. Em um levantamento da literatura, foram encontrados estudos com diferentes delineamentos de pesquisa que utilizaram filmagens de interação livre. Fuertes et al. (2011), utilizou em seu trabalho a situação de filmagem livre para compreender as emoções presentes da díade. Schwengber e Piccinini (2004) fizeram associação da depressão materna na interação mãe-bebê no primeiro ano de vida utilizando situação livre. Ambos estudos chegaram a resultados válidos, o que comprova ser um método de observação confiável.

2.3 Escalas Bayley-III para avaliação de Linguagem Expressiva e Linguagem Receptiva

Nascimento (2012) fez um estudo de revisão bibliográfica de pesquisas que envolviam instrumentos utilizados para avaliação de linguagens em bebês na faixa etária de zero a 12 meses em contexto nacional e internacional. A autora encontrou 55 trabalhos científicos correspondiam aos seus critérios de elegibilidade. Destes, 24 utilizavam instrumentos de avaliação de bebês na faixa etária entre zero e 12 meses. Entre esses instrumentos, os utilizados com maior frequência foram: Early Language Milestone Scale, Teste de Triagem de

Desenvolvimento Denver, Escalas Bayley de Desenvolvimento Infantil, Cognitive Adaptive Linguística Teste/ Clinical and Scale Milestone Auditivo.

Rodrigues (2012) realizou um estudo sobre as escalas habitualmente utilizadas para a avaliação do desenvolvimento infantil no primeiro ano de vida. Os resultados apontaram que as mais utilizadas são o Teste de Triagem de Desenvolvimento Denver, a Alberta Infant Motor Scale (AIMS), o Inventário Portage Operacionalizado, a Escala de Avaliação do Desenvolvimento Psicomotos (EADP), a Movement Assessment Infant (MAI) e as Escalas Bayley de Desenvolvimento Infantil.

Ambos estudos, em seus achados, apontaram as Escalas Bayley como instrumento utilizado com maior frequência para avaliação do desenvolvimento. Foi desenvolvida em 1933 e em 1960 foi padronizada em uma amostra de 1262 crianças norte-americanas com idade de dois a trinta meses (BAYLEY, 1969; TECKLIN, 2002 apud SILVA et al, 2011). O instrumento já está em sua terceira edição e, atualmente, é considerada padrão ouro entre as escalas de avaliação do desenvolvimento por contemplar essas categorias de modo qualitativo e quantitativo, além de ter reconhecimento internacional como instrumento com maior abrangência na avaliação de crianças pequenas (WEISS; OAKLAND, AYLWARD, 2017; VIANA; MADASCHI et al, 2016; ANDRADE; LOPES, 2014). A escala é composta pela avaliação de cinco áreas do desenvolvimento: Cognitivo, Motor, Comportamento Adaptativo, Linguagem e Socioemocional, para crianças de um a 42 meses de idade (VIANA; ANDRADE; LOPES, 2014; RODRIGUES, 2012).

Em sua terceira edição a escala foi amplamente utilizada pela comunidade científica por gerar resultados válidos (RODRIGUES, 2012; SILVA et al., 2011). Segundo Goés (2011), sua nova edição, diferentemente da anterior, a pontuação da linguagem é derivada da soma de subáreas da linguagem expressiva e receptiva.

Em relação a sua nova edição, ainda não há estudos de padronização e validação em território nacional, por isso para sua aplicação, considera-se as normativas norte-americanas (MADASCHI et al., 2016). Para esses autores já é possível realizar sua aplicação no Brasil, pois já foi traduzida e adaptada, considerando, na tradução, os aspectos culturais, geográficos, econômicos e étnicos. Tais aspectos, se não levados em conta, podem levar à avaliação inadequada (SILVA et al., 2011; FLEUREN et al., 2007).

Madaschi et al. (2016), aponta para a necessidade de estudos utilizando a terceira edição da escala, pois verificou que nos últimos cinco anos muitas pesquisas foram realizadas no contexto brasileiro, porém não aconteceram estudos com adaptação transcultural. Observando a necessidade, os autores realizaram uma pesquisa em que vários especialistas traduziram, revisaram e adaptaram, levando em consideração as necessidades culturais brasileiras, que culminou em uma versão preliminar do instrumento na versão brasileira, que foi enviada para os autores originais e aprovada para a aplicação das escalas de cognição, linguagem e motora em crianças de 12 a 42 meses de idade. Foram avaliadas pela Bayley-III adaptada, pelo Peabody Developmental Motor Scale 2 (PDMS-2), pelo Leiter-R e pela Lista de Verificação do Levantamento Linguístico do Desenvolvimento (LDS), 207 crianças entre 11 e 42 meses nascidas à termo e sem problemas de saúde. Por meio de testes de correlação entre as pontuações brutas nos domínios motor, cognitivo e linguagem em relação aos outros instrumentos utilizados, os autores concluíram que a versão traduzida e adaptada teve alto índice de correlações entre as diferentes pontuações nas áreas avaliadas pela Bayley-III em relação aos outros instrumentos. No que diz respeito à linguagem, a Bayley-III apresentou forte correlação positiva em relação ao escores da PPVT e LDS.

No domínio da linguagem, a Bayley-III é subdividida em duas partes: linguagem receptiva e linguagem expressiva. O subteste de linguagem receptiva da escala contém itens que avaliam comportamentos pré-verbais da criança, o desenvolvimento lexical, habilidade de

identificar figuras e objetos referenciados, a correspondência social e a compreensão verbal. O subteste de linguagem expressiva avalia vocalizações, balbucios, gestos, troca de turno, referências comuns, nomeação e verbalização (BAYLEY, 2017). Segundo Araújo, Marteleto e Shoen-Ferreira (2010), a linguagem receptiva corresponde à habilidade da criança de compreender a linguagem, diferentemente da linguagem expressiva que diz respeito à capacidade de expressá-la.

2.4 Estudos sobre interação mãe-bebê, o desenvolvimento de bebês e, especificamente, em linguagem

Um aspecto importante na aprendizagem da competência linguística nas interações iniciais é a fala dirigida à criança, ou seja, os benefícios de interagir diretamente com a criança são maiores do que quando ela atua como ouvinte de outras interações. Particularmente, os bebês apresentam dificuldades em dirigir sua atenção, pois há muitos estímulos ambientais concorrentes que diminuem as chances de eles prestarem atenção em outras interações (GOLINKOFF et al., 2019). Por esse motivo, estudos de interação são realizados em ambientes laboratoriais, em que os pesquisadores tenham maior gerenciamento das variáveis ambientais que possam interferir na relação que demanda atenção (GOLINKOFF, 2019; YUAN; FISHER, 2009).

O entendimento do início desse processo de aquisição da linguagem, de que maneira ele ocorre e quais variáveis que concorrem para que esse aconteça, é importante não apenas para a identificação precoce de problemas no desenvolvimento, mas também, para oportunizar intervenções que contemplem condições favorecedoras, visto que esta atua como fator indispensável para a inserção social e para o desenvolvimento da cognição (BÜHLER, 2008; PERISSINOTO; ISOTANI, 2003). Mousinho (2008) pontua que a linguagem oral é

precursora ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, assim como a linguagem receptiva e expressiva também são imprescindíveis para adquirir essas competências.

Seidl-de-Moura et al. (2008), realizaram um estudo para investigar as competências maternas e dos bebês na interação. Utilizaram filmagens de 20 minutos face-a-face de 30 díades mãe-bebê, em bebês de, em média, 29 dias de idade. Os dados obtidos demonstraram que os bebês predominantemente apresentaram comportamentos de olhar para o ambiente, vocalizar, olhar para a mãe e mamar. Nesta investigação, os resultados encontrados pelos autores, indicaram que a restrição do repertório comportamental do bebê induz a mãe a selecionar formas de interagir também restritas para responder à troca. Também concluíram que tanto a mãe quanto os bebês apresentaram comportamentos para iniciar a interação. As mães iniciavam a interação por meio de vocalizações, olhares e através da fala e os bebês emitiam choro, vocalizações e olhares. Os pesquisadores também concluíram, a partir dos seus resultados, que os comportamentos dos bebês determinam marcos temporais no processo de interação. Além disso, observaram que na maioria dos episódios de interação, a díade se olha mutuamente e, as mães, enquanto olhavam seus bebês, também sorriam, acariciavam e verbalizavam.

Em uma pesquisa realizada com mães e crianças de um ano e um mês e crianças de um ano e oito meses, Tamis-LeMonda et al. (1996) observaram que as respostas verbais das mães às vocalizações das crianças estavam positivamente associadas ao desenvolvimento de linguagem delas. Também constataram que houve associação positiva entre as respostas verbais das mães aos comportamentos de brincar das crianças.

Song, Spier e Tamis-LeMonda (2014), realizaram um estudo com objetivo de investigar associações entre diversidade lexical materna e o desenvolvimento cognitivo e de linguagem, principalmente no vocabulário receptivo, por meio de filmagens de díades mãe-criança com idade de dois e três anos em famílias de baixa renda. Os dados obtidos

demonstraram que a diversidade e a quantidade lexical utilizada pelas mães têm implicações nas habilidades cognitivas das crianças avaliadas. Também concluíram que o desenvolvimento cognitivo da criança está fortemente associado à evolução subsequente da linguagem. Neste estudo, os autores também consideraram variáveis socioeconômicas como fator relevante para associações entre o repertório verbal das mães e o desenvolvimento cognitivo e de linguagem em crianças. Pesquisas têm demonstrado que há associações entre nível socioeconômico, linguagem materna e desenvolvimento linguístico das crianças (SONS, SPIER, TAMIS-LEMONDA, 2014 apud HOFF, 2003; ROWE, 2008; HUTTENLOCHER, 2010;). Deste modo, variáveis socioeconômicas parecem influenciar no desenvolvimento da linguagem das crianças.

Estudos que analisam a linguagem, avaliada com instrumentos referendados pela literatura relacionados ao comportamento interativo da mãe e do bebê podem dar pistas da influência de um sobre o outro. Isto é, se comportamentos interativos positivos influenciam a linguagem receptiva ou expressiva estes poderiam ser objeto de intervenção, visando melhorar a aquisição de habilidades mais adaptativas e promotoras de desenvolvimento infantil. Intervenções com mães de bebês tem caráter preventivo principalmente com foco em dois aspectos importantes: a interação mãe-bebê e o desenvolvimento da linguagem.

Golinkoff et al. (2019), ressaltaram que é imprescindível compreender como a fala dos cuidadores influencia no processo de aprendizagem da linguagem visto que o aprendizado precoce da comunicação garante melhor desempenho escolar futuro e aparentemente crianças que tem melhor domínio da linguagem possuem mais autocontrole. Além disso, o entendimento desse processo é importante para que a ciência desenvolva teorias que apoiem intervenções baseadas em evidências.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

O presente estudo pretendeu descrever, comparar e relacionar comportamentos interativos da díade mãe-bebê e o desenvolvimento da linguagem expressiva e receptiva em bebês de três meses de idade, considerando o desempenho acima ou abaixo da média ponderada, prevista na Escala Bayley-III.

3.2 Objetivos específicos

3.2.1. Descrever comportamentos interativos maternos e comportamentos de interação de bebês de três meses.

3.2.2. Relacionar comportamentos interativos maternos e do bebê aos três meses.

3.2.3. Descrever o desempenho dos bebês em linguagem expressiva e receptiva.

3.2.4. Comparar a frequência de comportamentos interativos dos bebês e seu desempenho em linguagem expressiva e receptiva considerando a pontuação ponderada na Escala Bayley-III.

3.2.5. Comparar comportamentos interacionais maternos considerando a pontuação dos bebês na Escala Bayley-III em linguagem expressiva e receptiva.

Tendo em vista os objetivos propostos foram levantadas as seguintes hipóteses:

1. Há relação positiva entre os comportamentos interativos positivos das mães e dos bebês, assim como entre os negativos e os não interativos de cada par da díade.
2. Não haverá diferenças significativas entre os desempenhos dos bebês em linguagem receptiva e expressiva.

3. Bebês com desempenho na média ou acima dela em linguagem expressiva ou receptiva tem mais comportamentos positivos de interação.
4. Bebês com desempenho na média ou acima dela em linguagem expressiva ou receptiva tem mães com mais comportamentos positivos de interação.

4 MÉTODO

A metodologia utilizada é de caráter observacional e descritivo. Trata-se de um estudo parte do projeto “Prematuridade: percepção materna, saúde emocional materna, interação mãe-bebê e desenvolvimento infantil” (Processo FAPESP n°. 2016/11557-4), aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da UNESP-Bauru (Parecer n°. 1.958.940). Todos os participantes responderam ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e foram informados a respeito da pesquisa, suas etapas, riscos, benefícios e sigilo das informações coletadas.

4.1 Participantes

A amostra total deste estudo foi de 30 díades mãe-bebê com bebês aos três meses de idade. As mães e seus bebês participam do projeto de extensão “Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação aos pais”, que ocorre no Centro de Psicologia Aplicada da UNESP Bauru (CPA) desde 1999. Neste projeto de extensão o desenvolvimento de bebês no primeiro ano de vida é avaliado mensalmente com as Escalas Bayley de Desenvolvimento Infantil III (BSDI-III), com o objetivo de detectar eventuais atrasos e promover o desenvolvimento das crianças acompanhadas. O Banco de Leite Humano, ligado à Secretaria Municipal de Saúde, disponibiliza uma lista dos bebês nascidos na cidade de Bauru. Próximo dos três meses, as mães são contatadas via telefone e convidadas a participar do projeto. Em caso de aceite é agendado, no Centro de Psicologia Aplicada, da

UNESP, um primeiro encontro. Neste dia as mães respondem a entrevista inicial (informações sociodemográficas e sobre condições de saúde da mãe e do bebê durante a gestação, parto e puerpério), critério de Classificação Econômica Brasil e o bebê é avaliado pelas BSDI-III. Na semana seguinte ao primeiro atendimento, a mãe é convidada a realizar as filmagens de interação mãe-bebê (e pai-bebê, caso o pai esteja presente e tenha interesse) e recebe a devolutiva das avaliações do bebê, bem como orientações pautadas nas necessidades do bebê e da família. Nos casos em que o bebê atinge critério favorável na BSDI-III, a díade é reagendada para uma nova avaliação aos seis meses de idade. Durante esse período faz-se contato via telefone para acompanhar o bebê e, também, orientar a mãe nas necessidades que apresentar. Repete-se o procedimento aos nove e aos 12 meses do bebê. Nos casos em que o bebê não atinge um critério favorável na BSDI-III, a díade é acompanhada mensalmente.

O critério de inclusão no estudo foi de mães cuja filmagem ocorreu entre as idades dois meses e 16 dias a três meses e 15 dias. Das 42 filmagens obtidas 12 foram descartadas devido a problemas na filmagem (término da bateria no decorrer da filmagem, choro do bebê, posicionamento incorreto da filmadora que impede que a mãe seja observada e bebês fora da idade de inclusão).

A Tabela 1 apresenta as características sociodemográficas dos bebês e das mães participantes. Todos os bebês selecionados na amostra são nascidos à termo e apresentaram boa saúde ao nascer, sem histórico de intercorrências. A média da idade gestacional foi de 38,7 semanas (DP=1,04), com peso ao nascer médio de 3,090 kg (DP=0,30). Quanto ao sexo, a maior parte da amostra era do sexo feminino (53,3%) e 46,7% eram do sexo masculino.

Das características apresentadas, 50% das mães tinham entre 21 e 30 anos (Idade média= 29,6; DP=0,30), 60% tinham o ensino médio completo ou mais. A maioria (63,3%) eram mães primíparas e 76,75% trabalham fora de casa. Quanto ao nível socioeconômico,

apenas 25 mães responderam ao questionário e prevaleceu com 46,7% a classe econômica B segundo o ABEP (2016).

Tabela 1- Caracterização dos bebês e das mães participantes.

Característica dos bebês	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Idade gestacional		
37	4	13,3
38	9	30
39	12	40
40	3	10
41	2	6,7
Peso ao nascer		
3000 grs a 3999 grs	18	60
2999 grs a 2600 grs	12	40
Sexo		
Feminino	16	53,3
Masculino	14	46,7
Característica das mães	Frequência Absoluta	Frequência Relativa
Idade		
17-20	2	6,7
21-25	8	26,7
26-30	7	23,3
31-41	13	43,3
Número de filhos		
1	19	63,3
2 ou mais	11	36,7
Escolaridade		
Até 11 anos	14	40
12 anos ou mais	18	60
Trabalha fora		
Sim	23	76,7
Não	7	23,3
Classe Social		
A	2	6,7
B	14	46,7
C	9	30
NR	5	16,6

Fonte: elaborado pela autora

4.2 Materiais e instrumentos

4.2.1 Para avaliação dos dados sociodemográficos

As mães participantes responderam a uma entrevista semiestruturada com respostas abertas e fechadas que investigou dados sobre a mãe, família, gestação e dados sobre o bebê (ANEXO A). Para a avaliação socioeconômica foi utilizado o Critério de Avaliação Econômica Brasil (ABEP, 2016) (ANEXO B), que lista itens materiais que a família possui, sendo a pontuação realizada de acordo com o que a família indica que possui em quatro classes econômicas: A, B, C, D.

4.2.1 Para a avaliação da interação mãe-bebê

Para a codificação dos comportamentos interativos maternos utilizou-se o protocolo Interdiáde Adulto-bebê, apresentado no Quadro 1, elaborado pelo grupo de pesquisa do qual a autora deste trabalho é participante. O referido instrumento foi elaborado com base em outros protocolos para a codificação de comportamentos interativos maternos como o Sistema de Codificação e de Análise dos Comportamentos Infantis Expressos no *Still-Face* (Fuertes, 2005) e o protocolo da versão revisada de *Codificación de La Interacción Temprana Materno Infantil* – CITMI-R (TRENADO; CERESO, 2007).

Quadro 1- Descrição operacionalizada das categorias analisadas nos comportamentos maternos, o Interdiáde Adulto.

Comportamentos maternos	
Positivos Mãe sorri, olha para o bebê e/ou vocaliza e...	<p>1. Atrair atenção do bebê para si (ATR): estalar os dedos, acenar, reposicionar-se na linha de visão do bebê, produzir sons, chamá-lo pelo nome, emitir verbalizações/vocalizações.</p> <p>2. Acalmar o bebê (ACLM): diante do desconforto do bebê, como choro, vocalizações de protesto, agitação, a mãe emite comportamentos com a função de acalmá-lo, ex. conversar com o bebê, fazer carinho, tocar partes do seu corpo, mudar as expressões faciais.</p> <p>3. Esperar o bebê responder (ESP): diante de comportamentos de verbalização, sorrisos do bebê, ou depois de apresentar um modelo para o bebê (sorriso, vocalizações) olha para o bebê esperando que ele se comporte/responda.</p> <p>4. Brincar (BRC): envolver-se em brincadeiras típicas, utilizar as mãos para brincar com o bebê, cutucar, bater palmas, fazer cócegas, pode envolver verbalizações e vocalizações, sorrisos.</p> <p>5. Acariciar (ACAR): tocar suavemente o bebê, demonstrando afeto.</p>

Negativos	<p>1. Cuidar do bebê excessivamente (CUIDEXC): sem sinais de desconforto ou necessidade a mãe reposiciona o bebê, arruma-o, limpa a boca.</p> <p>2. Verbalizar negativamente (VERBNEG): descreve o bebê usando palavras pejorativas, reclama de ações do bebê (quando baba, chora...)</p> <p>3. Estimular excessivamente (ESTEXC): exigir que o bebê faça coisas que ainda não consegue, massagear excessivamente o bebê. Apresentar modelos e tentar forçar o bebê a imitá-los.</p> <p>4. Interromper o bebê (INTER): bebê está manipulando objetos ou o próprio corpo e a mãe interrompe a interação, retirando os objetos, mãe parece não discriminar o comportamento do bebê, envolve contato físico com o bebê intrusivo, como cutucar o bebê; restringir fisicamente os movimentos do bebê, segurar suas mãos.</p>
Não-interativos	<p>1. Olhar para outros pontos da sala (OPOPS): não olhar para o bebê, nem para onde o bebê está olhando, olhar e conversar com o pesquisador, não corresponder aos comportamentos do bebê.</p>

Os dados relativos aos comportamentos interativos dos bebês foram codificados utilizando o protocolo Interadiade Bebê, conforme mostra o Quadro 2.

Quadro 2- Descrição operacionalizada das categorias analisadas nos comportamentos interativos do bebê, o Interadiade Bebê.

Comportamentos do bebê	
Positivos	<p>1. Olhar para a mãe (OM): Bebê observa a mãe de forma neutra, sem expressões.</p> <p>2. Olhar para a mãe sorrindo e emitindo sons neutros ou positivos (OMSV): bebê olha para mãe, sorrindo ou emitindo vocalizações em resposta ou não aos comportamentos da mãe.</p>
Negativos	<p>1. Chorar (CHO): diante de algum comportamento da mãe, incluindo a ausência deste, o bebê chora.</p> <p>2. Chutar/empurrar a mãe (CHU/EMP): tocar em partes do corpo da mãe com os pés.</p> <p>3. Protestar (PRO): arquear o corpo, vocalizar protesto, agitar-se demonstrando incomodo, pode apresentar expressões faciais negativas.</p>
Não-interativos	<p>1. Explorar o ambiente (EXPAM): explorar visualmente outros estímulos, não participando da interação.</p> <p>2. Explorar o próprio corpo (EXCOR): tocar partes do seu corpo, bebê brinca com o pezinho, segurando-o, tentando levar à boca, ou observa suas mãos, aperta uma mão na outra, coloca as mãos na boca.</p> <p>3. Evitar a mãe (EVIT): o bebê afasta o olhar do rosto da mãe, evitando o contato visual com ela, comportamentos de bloqueio (colocar as mãos, erguer os braços em frente ao rosto).</p> <p>4. Explorar objetos (EXPOBJ): envolve comportamentos do bebê de explorar e tocar objetos que estão próximos, como cinto da cadeira, o acento, o encosto da cadeira em brincadeira solitária.</p>

4.2.2 Para a avaliação da linguagem expressiva e receptiva

Para a avaliação do desenvolvimento da linguagem expressiva e receptiva dos bebês, foi utilizada a Escala de Desenvolvimento Infantil Bayley-III. Os bebês foram avaliados em todas as áreas de desenvolvimento e o desempenho obtido foi colocado no Formulário de Registro, porém para a presente pesquisa foram utilizadas apenas as áreas supracitadas.

A aplicação dos itens é iniciada pelo item sugerido para a idade da criança. Todavia, todos os itens dos subtestes possuem uma regra de reversão e descontinuação para garantir que os itens sejam administrados de forma apropriada. A regra de reversão para linguagem, se aplica nas outras áreas também. Segundo essa regra, a criança avaliada deve receber 1 ponto nos três primeiros itens consecutivos, a partir do ponto de partida específico para sua idade, para só assim poder seguir adiante. Se a criança não conseguir pontuar em algum desses três itens, o aplicador deve voltar ao ponto de partida específico da idade anterior e administrar os itens a partir dele. A regra de reversão se aplica a este novo ponto de partida da mesma forma. Esta regra é aplicada até que a criança ultrapasse os três primeiros itens a partir do ponto de partida de uma idade específica (compatível com a idade ou com o desempenho da criança). A partir daí, o aplicador continua aplicando os itens seguintes até cumprir o critério de descontinuação. A regra de descontinuação é utilizada para a finalização da aplicação. O aplicador deve finalizar a aplicação quando a criança pontuar 0 em cinco itens consecutivos (BAYLEY, 2017).

Para este estudo utilizou-se os resultados dos subtestes de Linguagem Expressiva e Receptiva. O subteste de Linguagem Expressiva contém um total de 29 itens e o subteste de Linguagem Receptiva são 31 itens, previstos para crianças até 42 meses. Para cada item, há um tempo para a criança responder, uma posição específica, número de tentativas e um critério de pontuação, descritos no Manual de Aplicação da Escala. O Quadro 3 apresenta os comportamentos avaliados em Linguagem Receptiva até 16 meses e 15 dias, considerados

possíveis de ocorrência para os bebês deste estudo até o cumprimento do critério de descontinuação.

Quadro 3 – Descrição dos comportamentos avaliados no subtestes de Linguagem Receptiva

Ponto de início (Idade)	Comportamento avaliado
16 dias – 3 meses e 15 dias	Observar pessoas espontaneamente
	Tolerar atenção
3 meses e 16 dias – 5 meses e 15 dias	Acalmar-se quando falam com ela
	Reagir à sons do ambiente
	Virar a cabeça em direção ao som
5 meses e 16 dias – 10 meses e 30 dias	Discriminar sons
	Brincadeira sustentada com objetos
11 meses – 13 meses e 15 dias	Brincar com objetos por pelo menos 1 minuto
	Responder ao chamado de seu nome
13 meses e 16 dias – 16 meses e 15 dias	Interromper atividade quando seu nome é chamado
	Reconhecer duas palavras familiares
	Reagir ao comando “NÃO”

O Quadro 4 apresenta os comportamentos avaliados em Linguagem Expressiva até os 19 meses e 15 dias, também considerados possíveis de ocorrência para os bebês deste estudo até o cumprimento do critério de descontinuação.

Quadro 4 – Descrição dos comportamentos avaliados no subteste de Linguagem Expressiva

Ponto de início (Idade)	Comportamento avaliado
16 meses – 4 meses e 15 dias	Sons guturais indiferenciados na garganta
	Sorriso social
4 meses e 16 dias – 10 meses e 30 dias	Vocalização de humor
	Produzir sons nasais indiferenciados
	Rir ou vocalizar socialmente

	Produzir dois sons de vogais
11 meses – 13 meses e 15 dias	Atrair atenção para si
	Produzir dois sons de consoantes
	Usar gestos
13 meses e 16 dias – 16 meses e 15 dias	Participar de brincadeiras familiares
	Balbuciar expressivamente
16 meses e 16 dias – 19 meses e 15 dias	Usar aproximações de uma palavra
	Direcionar a atenção de outro
	Imitar palavras

4.3 Procedimentos

4.3.1 Procedimentos de coleta de dados

Os bebês e suas mães foram identificados no projeto de extensão “Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação aos pais”, que acontece no Centro de Psicologia Aplicada, da UNESP, campus de Bauru, SP. Por ocasião do convite para a sua participação no projeto, foram explicados os procedimentos referentes a ele. Aceitando participar do mesmo, a família assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A). Após assinar o termo, foi aplicada a entrevista com dados sociodemográficos sobre mãe e o bebê, o Critério de Avaliação Econômica Brasil, a avaliação do terceiro mês seguindo o protocolo da Escala Bayley III e realizada a filmagem.

Para filmagem da interação mãe-bebê, foi utilizada uma cadeira de alimentação para bebês, em que o apoio para a alimentação foi retirado, ficando livre para que a mãe pudesse tocar o bebê. A mãe ficou sentada em uma cadeira de frente para a cadeira do bebê. Foram utilizadas duas câmeras de filmagem e dois tripés, uma posicionada para o rosto da mãe e outra para o rosto do bebê, de modo estruturado, de acordo com o sugerido no paradigma do

still-face (TRONICK, 2003). A filmagem total do procedimento utilizado tem a duração de nove minutos, dividida em três episódios. Nos três primeiros minutos a mãe é orientada a interagir com seu bebê como faz costumeiramente. Nos três minutos seguintes, a mãe é orientada a permanecer impassível (um evento estressor), somente mantendo contato visual com seu bebê e, nos três últimos minutos, era sinalizado para que retomasse a interação como o fez nos três primeiros minutos. Para que o dado não ficasse contaminado com o efeito da intervenção do Episódio 2, para este estudo foram considerados somente os dados de filmagem do Episódio 1.

4.2 Procedimento de análise de dados

A pontuação nos subtestes de Linguagem Expressiva e Receptiva da Escala Bayley utilizada no presente estudo, considerou o *score* ponderado das avaliações. A partir da pontuação bruta obtida pelo bebê, escalas padronizadas, presentes no manual do teste, resultaram na contagem ponderada considerando a idade em mês e dias do bebê. A contagem ponderada tem como ponto de corte a pontuação 10, considerada representativa do desempenho médio da população de padronização original. A pontuação 11 ou mais significa desempenho acima da média e nove ou menos, abaixo da média. Para a divisão dos grupos considerou-se: o Grupo 1, com pontuação ponderada de 10 ou mais e, o Grupo 2, com contagem ponderada de nove ou menos.

Para a avaliação da interação, foi utilizado o protocolo Interadiade, específico para a mãe (Adulto) e para o bebê, que gera frequência de comportamentos maternos e do bebê nas diferentes categorias analisadas. As filmagens foram analisadas no computador, após serem colocadas no mesmo plano utilizando o software Sony Vegas, os comportamentos foram

cotados a cada segundo. Tais dados foram utilizados para descrição e comparação entre grupos. Para avaliar a confiabilidade dos dados, as filmagens foram submetidas à análise de dois observadores independentes. O acordo entre as avaliações foi realizado a partir das observações de 13% da amostra feitas pela pesquisadora e por um observador independente. As análises realizadas consideraram os totais das categorias dos comportamentos maternos e do bebê propostos pelo protocolo de observação Intera-díade. Os coeficientes de correlação intraclasse variaram entre 0,601 a 0,889. Segundo Cicchetti (1994) esta variação caracteriza-se por um bom índice de acordo.

Foram processadas análises estatísticas descritivas, comparativas, correlacionais e inferenciais utilizando o software *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) versão 21. Para atender os objetivos de comparação entre grupos foi utilizado o teste de Mann Whitney e o teste de Spearman para os testes de correlação. O critério de significância utilizado foi $p < 0,05$.

5 RESULTADOS

Os resultados se referem uma amostra de 30 díades mãe-bebê que foram filmadas e os bebês avaliados com as BSDI-III aos três meses de idade. A Tabela 2 mostra os comportamentos interativos dos bebês. Observa-se que os bebês apresentaram com mais frequência comportamentos interativos positivos (78,37%). Deles, o mais frequente foi o comportamento de olhar para a mãe, sorrindo e emitindo sons neutros ou positivos (OMS), com 50,31%. Dos comportamentos negativos, o mais frequente foi o comportamento de protestar (PRO), com 38,83%. Quanto aos comportamentos não-interativos, o comportamento do bebê de evitar a mãe, foi o mais frequente, com 42,7%.

Tabela 2 – Descrição da média, desvio padrão, mínimo e máximo dos comportamentos do conjunto de bebês.

Comportamentos	Média	Desvio padrão	Mínimo- máximo
Positivos			
Olhar para a mãe	29,73	23,99	1-115
Olhar para a mãe sorrindo e emitindo sons neutros ou positivos	50,31	39,05	0-135
Total positivos	78,37	46,38	
Negativos			
Chorar	13,25	7,98	0-26
Chutar/empurrar a mãe	15,5	11,5	0-27
Protestar	38,83	33,75	0-113
Total negativos	42,3	37,06	
Não-interativos			
Explorar o ambiente	12,96	13,02	0-50
Explorar o próprio corpo	25,85	31,17	0-117
Explorar objetos	26	27,41	0-96
Evitar a mãe	42,7	29,18	0-106
Total não interativos	67,53	43,26	

Fonte: elaborado pela autora

A Tabela 3 mostra os comportamentos interativos maternos. A frequência dos comportamentos positivos foi maior que o dos negativos e dos não-interativos. Os comportamentos positivos mais frequentes foram o de brincar com o bebê (BRC) com 67,44% e o de atrair o bebê para a interação, com 64,75%. Quanto aos comportamentos negativos, o que apareceu com maior frequência foi o comportamento de estimular excessivamente o bebê, com 32,85%. Os comportamentos não-interativos se mostraram inexpressivos, com a frequência de 2,12%.

Tabela 3 – Descrição da frequência da média, desvio padrão, mínimo e máximo dos comportamentos maternos.

Comportamentos	Média	Desvio padrão	Mínimo- máximo
Positivos			
Cuidar	9,33	6,32	0-26
Observar o bebê	16,2	28,67	0-110
Atrair	64,75	46,53	0-166
Acalmar	25,54	22,76	0-88
Negativos			
Cuidar excessivamente	11,83	8,19	0-25
Verbalizar negativamente	9,17	5,08	0-15
Interromper atividade	6,8	4,46	0-17
Estimular excessivamente	32,85	21,46	0-72
Total negativos	26,05	24,07	

Não-interativos			
Olhar para outros pontos da sala	2,12	2,03	0-7

Fonte: elaborado pela autora

A Tabela 4 mostra os dados de correlação entre comportamentos maternos e do bebê. Quando as mães apresentam o comportamento de cuidar, os comportamentos dos bebês de sorrir e olhar para ela são pouco frequentes. As mães apresentam mais comportamentos de atrair quando os bebês não estão apresentando comportamentos interativos positivos e quando os bebês as evitam ou no total dos comportamentos não-interativos. As mães apresentam mais o comportamento de brincar quando os bebês estão apresentando comportamentos de olhar para elas sorrindo e emitindo sons neutros ou positivos e o total de comportamentos positivos. As mães observam mais seus bebês quando eles protestam ou apresentam comportamentos negativos. Também, as mães os acalmam quando protestam ou apresentam comportamentos negativos. Comportamentos positivos maternos são mais frequentes quanto mais os bebês exploram o ambiente. As mães buscam mais objetos quanto mais os bebês exploram menos o ambiente. Mães apresentam menos comportamentos não interativos quanto mais os bebês apresentam comportamentos interativos positivos.

Tabela 4 – Correlação entre comportamentos maternos e do bebê aos três meses.

Comportamento dos bebês	Comportamentos Maternos							
	cuidar	Atrair	brincar	Observar o bebê	acalmar	Total Positivos	Explorar objetos	Não interativos
Olhar para a mãe sorrindo ou vocalizando	R=-0,601* P=0,039	R=-0,635** P=0,000	R=0,691** P=0,000					
Total positivos		R=-0,586** P=0,001	R=0,804** P=0,000					R=-0,724* P=0,042
Protestar				R=0,644** P=0,010	R=0,618* P=0,043			
Total negativos				R=0,632** P=0,011	R=0,706* P=0,015			
Explorar						R=-0,411* P=0,046	R=-0,900* P=0,037	

ambiente								
Evitar		R=0,583** P=0,002	R=- 0,621** P=0,002					
Total NI		R=0,795** P=0,000	R=0,702 ** P=0,000					

Fonte: elaborado pela autora

A Tabela 5 mostra os dados de correlação entre o desempenho dos bebês em linguagem expressiva no BSDI-III e os comportamentos do bebê na interação. Observou-se correlação positiva entre explorar o ambiente pelos bebês, que é um comportamento não-interativo na díade e a pontuação em linguagem expressiva.

Tabela 5 – Correlação entre desempenho em Linguagem Expressiva e os comportamentos do bebê.

Comportamentos do bebê	Pontuação Linguagem Expressiva
Explorar o ambiente	R= 0,505* P= 0,008

Fonte: elaborado pela autora

Na correlação entre o desempenho de linguagem expressiva e os comportamentos maternos na interação, foi encontrada correlação positiva entre total de comportamentos positivos e a pontuação dos bebês em linguagem expressiva, apresentados na Tabela 6.

Tabela 6 – Correlação entre desempenho em Linguagem Expressiva e os comportamentos maternos

Comportamentos maternos	Pontuação Linguagem Expressiva
Total positivos	R= - 0,459* P= 0,012

Fonte: elaborado pela autora

Em relação ao desempenho em linguagem receptiva dos bebês avaliados pela BSDI-III e a correlação dos comportamentos deles na interação, encontrou-se relação negativa entre o comportamento de olhar para a mãe sorrindo ou vocalizando e pontuação em linguagem receptiva. Também foi encontrada correlação negativa entre o total de comportamentos positivos e a pontuação em linguagem receptiva, apresentados na Tabela 7.

Tabela 7 – Correlação entre desempenho em Linguagem Receptiva e os comportamentos dos bebês

Comportamentos do bebê	Pontuação Linguagem Receptiva
Olhar para mãe sorrindo ou vocalizando	R= -0,380* P= 0,046
Total positivos	R=-0,398* P= 0,030

Fonte: elaborado pela autora

Na Tabela 8, são apresentadas as correlações entre os comportamentos maternos e o desempenho em linguagem receptiva dos bebês no BSDI-III. As análises apontaram para correlação negativa entre o comportamento materno de brincar e a pontuação da linguagem receptiva e correlação positiva com o comportamento de esperar.

Tabela 8 – Correlação entre desempenho em Linguagem Receptiva e os comportamentos maternos.

Comportamentos maternos	Pontuação Linguagem Receptiva
Brincar	R= -0,458* P= 0,016
Esperar	R= 0,475* P= 0,016

Fonte: elaborado pela autora

Na Tabela 9, estão descritos os resultados do desempenho dos bebês em linguagem receptiva e linguagem expressiva no BSDI-III. Em linguagem receptiva, a maioria dos bebês apresentou desempenho abaixo e muito abaixo da média, representando 60% da amostra. Em linguagem expressiva, a maioria apresentou pontuação média ou mais, representando 53,3% da amostra.

Tabela 9 – Descrição dos resultados da BSDI-III em Linguagem Receptiva e Linguagem Expressiva.

	Linguagem Receptiva		Linguagem Expressiva	
	N	%	N	%
Desempenho médio ou mais (10 ou +)	12	40	16	53,3
Desempenho abaixo da média (7 a 9)	07	23,3	06	20
Desempenho muito abaixo da média (6 ou -)	11	36,7	08	26,7

Fonte: elaborada pela autora

Em relação à comparação dos resultados em linguagem receptiva e linguagem expressiva na BSDI-III, a média de pontuação de manteve maior em linguagem expressiva ($M=9,16$; $DP= 3,25$), apresentados na Tabela 10. Todavia, a diferença não foi estatisticamente significativa.

Tabela 10 – Comparação dos resultados da BSDI-III em Linguagem Receptiva e Linguagem Expressiva em termos de média e desvio padrão.

	Média	DP	p
Linguagem receptiva	7,86	3,25	
Linguagem expressiva	9,16	2,91	0,061

Fonte: elaborada pela autora

Comparando os comportamentos interativos dos bebês de dois grupos, considerando o desempenho em linguagem receptiva: 10 ou mais pontos (n=12) (G1) e 9 ou menos pontos (n=18) (G2), os bebês que apresentaram pontuação de 9 pontos ou menos, apresentaram mais comportamentos de olhar para a mãe (OM=16,75), de olhar para a mãe sorrindo e emitindo sons neutros ou positivos (OMS= 16,82) e do total de comportamentos positivos (TP=17,83). Os bebês que tiveram pontuação de 10 ou mais em linguagem receptiva, apresentaram mais comportamentos de protestar (PRO=14) e do total de comportamentos negativos (TN=14,10). Também apresentaram mais comportamentos de explorar o ambiente (EXPAM=16,45), de explorar o próprio corpo (EXPCOR=7,57), de evitar a mãe (EVIT=16,63) e do total de comportamentos não-interativos (19,08), apresentados na Tabela 11. Entretanto, as diferenças observadas não foram estatisticamente significativas.

Tabela 11 – Comparação dos comportamentos interativos e não interativos dos bebês dos grupos considerando o desempenho dos bebês em Linguagem Receptiva.

Comportamentos	Ponto Médio G1 (10 pontos ou mais)	Ponto Médio G2 (9 pontos ou menos)	p
Positivos			
Olhar para a mãe	13,63	16,75	0,341
Olhar para a mãe sorrindo e emitindo sons neutros ou positivos	10,91	16,82	0,63
Total positivos	12	17,83	0,75
Negativos			
Chorar	2,5	2,5	1
Chutar/empurrar a mãe	1	2	0,317
Protestar	14	11,43	0,380
Total negativos	14,10	11,36	0,349
Não-interativos			
Explorar o ambiente	16,45	11,33	0,091
Explorar o próprio corpo	7,57	6,33	0,568
Explorar objetos	4	4,67	0,739
Evitar a mãe	16,63	11,90	0,124
Total não interativos	19,08	13,11	0,069

Fonte: elaborado pela autora

Na Tabela 12, comparando os comportamentos interativos maternos de dois grupos, considerando o desempenho em Linguagem Receptiva: 10 ou mais pontos (n=12) e 9 ou menos pontos (n=18), as mães dos bebês que obtiveram 10 pontos ou mais apresentaram mais comportamentos de cuidar (CUID=9), de observar o bebê (OBS BB=11,88), de atrair a atenção do bebê (ATR=18,5), de brincar (BRINC=16,56), de acariciar (ACAR=6,67), de esperar (ESP=15,85) e do total de comportamentos positivos (TP=17,74). Destes comportamentos o atrair o bebê (p=0,038), o brincar (p=0,029) e o total de comportamentos positivos (p=0,037) apresentaram diferenças estatisticamente significativas. Todavia, ainda que as diferenças não tenham sido significativas também apresentaram mais comportamentos de cuidar excessivamente (CUIDEXC=6,63), de interromper o bebê (INTER=6,3), de estimular excessivamente (ESTEXC=4), do total de comportamentos negativos (TN=11,20) e de olhar para outros pontos da sala (OPOPS=5).

Em relação aos bebês que tiveram o desempenho de 9 pontos ou menos, as mães apresentaram mais comportamentos de acalmar (ACLM=7,11), de verbalizar negativamente (VERBNEG=5) e de estimular excessivamente (ESTEXC=4).

Tabela 12 – Comparação dos comportamentos interativos e não interativos maternos dos grupos considerando o desempenho dos bebês em Linguagem Receptiva.

Comportamentos	Ponto Médio G1 (10 pontos ou mais)	Ponto Médio G2 (9 pontos ou menos)	P
Positivos			
Cuidar	9	7,33	0,477
Observar o bebê	11,88	9,58	0,393
Atrair	18,5	11,91	0,038
Acalmar	6,75	7,11	0,877
Acariciar	6,67	5,20	0,460
Brincar	16,56	9,65	0,029
Esperar	15,85	11,10	0,113
Total positivos	17,74	11,13	0,037
Negativos			
Cuidar excessivamente	6,63	6,25	0,865
Verbalizar negativamente	3,2	5	0,380
Interromper o bebê	6,3	4,7	0,402

Estimular excessivamente	4	4	1
Total negativos	11,20	8,67	0,326
Não-interativos			
Olhar para outros pontos da sala	5	3,67	0,442

Comparando os comportamentos interativos dos bebês de dois grupos, considerando o desempenho em linguagem expressiva: 10 ou mais pontos (n=16) e 9 ou menos pontos (n=14), os bebês que obtiveram 10 pontos ou mais, apresentaram mais comportamentos de olhar para a mãe (OM=16,94), de chorar (CHO=3,5), de chutar/empurrar a mãe (CHUT/EMP= 2), de protestar (PRO=14,23) e do total de negativos (TN=14,43). Também apresentaram mais comportamentos de explorar o ambiente (EXPAM=16,15), de explorar o próprio corpo (EXPCOR=7,29), de evitar a mãe (EVIT=16,75) e do total de comportamentos não-interativos (TNI=16,66). Em relação aos bebês que obtiveram 9 pontos ou menos em linguagem expressiva, apresentaram mais comportamentos de olhar para a mãe sorrindo e emitindo sons neutros ou positivos (OMS= 16,89), do total de comportamentos positivos (TP=18,39). Também apresentaram mais o comportamento de explorar objetos (EXPOBJ=6), apresentados na Tabela 13. Nenhuma diferença estatisticamente significativa foi observada.

Tabela 13 – Comparação dos comportamentos interativos e não interativos dos bebês dos grupos considerando o desempenho dos bebês em Linguagem Expressiva.

Comportamentos	Ponto Médio G1 (10 pontos ou mais)	Ponto Médio G2 (9 pontos ou menos)	p
Positivos			
Olhar para a mãe	16,94	13,86	0,339
Olhar para a mãe sorrindo e emitindo sons neutros ou positivos	12,11	16,89	0,124
Total positivos	12,97	18,39	0,092
Negativos			
Chorar	3,5	1,5	0,121
Chutar/empurrar a mãe	2	1	0,317
Protestar	14,23	9,61	0,121
Total negativos	14,43	9,28	0,084
Não-interativos			
Explorar o ambiente	16,15	10,85	0,076
Explorar o próprio corpo	7,29	6,67	0,180
Explorar objetos	3,6	6	0,062

Evitar a mãe	16,75	11,04	0,442
Total não interativos	16,66	14,18	0,460

Fonte: elaborado pela autora

Na Tabela 14, comparando os comportamentos interativos maternos de dois grupos, considerando o desempenho em linguagem expressiva: 10 ou mais pontos (n=16) e 9 ou menos pontos (n=14), as mães dos bebês que obtiveram 10 pontos ou mais apresentaram mais comportamentos de cuidar (CUID=8,6), de observar o bebê (OBS BB= 11,78), de atrair (ATR=15,2) e de esperar (ESP=13,46). Também apresentaram mais comportamentos de cuidar excessivamente (CUIDEXC=6,79), de verbalizar negativamente (VERBNEG=3,8), de interromper o bebê (INTER=5,57), do total de comportamentos negativos (TN=11,92) e de comportamentos não-interativos (OPOPS=5,8). As mães dos bebês que obtiveram 9 pontos ou menos em linguagem expressiva, apresentaram mais comportamentos de acalmar (ACLM=7,8), de acariciar (ACAR=7,7), de brincar (BRINC=18,13) e do total de comportamentos positivos (TP=18,82). A diferenças foram estatisticamente significativamente para os comportamentos de brincar (p=0,016) e para o total de comportamentos positivos (p=0,018).

Tabela 14 – Comparação dos comportamentos interativos e não interativos maternos dos grupos considerando o desempenho dos bebês em Linguagem Expressiva.

Comportamentos	Ponto Médio G1 (10 pontos ou mais)	Ponto Médio G2 (9 pontos ou menos)	p
Positivos			
Cuidar	8,6	6,8	0,460
Observar o bebê	11,78	9,45	0,379
Atrair	15,2	13,69	0,628
Acalmar	6,5	7,8	0,558
Acariciar	4,58	7,7	0,116
Brincar	10,7	18,13	0,016
Esperar	13,46	12,58	0,764
Total positivos	11,43	18,82	0,018
Negativos			
Cuidar excessivamente	6,79	6,1	0,744
Verbalizar negativamente	3,8	2	0,380
Interromper o bebê	5,57	5,33	0,909
Estimular excessivamente	4,33	2	0,317
Total negativos	11,92	6,71	0,052

Não-interativos			
Olhar para outros pontos da sala	5,8	2,33	0,046

6 DISCUSSÃO

Os objetivos do presente estudo eram descrever, comparar e correlacionar os comportamentos presentes na díade mãe-bebê e o desempenho em linguagem expressiva e linguagem receptiva em bebês de três meses avaliados pela BSDI-III.

Em relação aos comportamentos da díade, a maioria dos bebês e das mães apresentaram com maior frequência comportamentos positivos. Os bebês exibiram mais comportamentos de olhar para a mãe sorrindo e emitindo sons neutros ou positivos e as mães emitiram com maior frequência comportamentos de brincar e de atrair o bebê para a interação. Observa-se que os comportamentos maternos podem funcionar como estímulo discriminativo para a ocorrência de comportamentos interativos positivos dos bebês assim como reforçadores positivos para eles, aumentando sua emissão.

Na correlação entre comportamentos maternos e os comportamentos do bebê, as mães que apresentaram com maior frequência comportamentos de brincar, os bebês apresentaram mais comportamentos de sorrir e vocalizar. Esses dados confirmam os encontrados por Seidl-de-Moura et al. (2008), que mostraram que os bebês, dada a idade precoce, apresentam repertório comportamental de interação restrito, induzindo a mãe a selecionar formas de interagir para responder à troca interacional. Se as mães iniciavam a interação por meio de vocalizações, olhares e através da fala, os bebês respondiam com choro, vocalizações e olhares. Tais achados validam os resultados obtidos na presente pesquisa em que as mães modulam seu comportamento para atrair atenção do bebê para a díade. Apesar de serem estudos metodologicamente diferente em diversos aspectos, observou-se, em ambos, que as mães foram responsivas às interações de seus filhos.

Os dados indicaram que as mães apresentaram o comportamento de brincar com maior frequência quando o bebê apresenta o comportamento de olhar sorrindo e emitindo sons neutros ou positivos (reforçamento) sugerindo que a interação prazerosa está presente para as díades analisadas. Isso também estava presente quando as mães apresentaram menos comportamentos não interativos quanto mais os bebês apresentam comportamentos interativos positivos.

Esse resultado confirma o que Brandão (2006) sugere em seu estudo, que para os comportamentos pré-verbais dos bebês nas interações com seu cuidador serem aprendidos, dependem da frequência de respostas emitidas pelo cuidador e das oportunidades ofertadas para que o bebê desenvolva essas habilidades. Ou seja, os comportamentos da mãe estabelecem uma correlação de contingências em que o bebê tem a periodicidade de seus comportamentos vocais ou verbais aumentados ou diminuídos conforme os reforçadores que mãe disponibiliza (CHIODELLI, 2016).

Quanto ao resultado em linguagem observou-se que os bebês da amostra apresentaram desempenho melhor em linguagem expressiva. Considerando o repertório interativo dos bebês, aqueles que tiveram pontuação abaixo ou muito abaixo da média em linguagem receptiva, emitiram com maior frequência comportamentos positivos, principalmente o de olhar para a mãe sorrindo ou emitindo sons neutros ou positivos. Os bebês que pontuaram na média ou acima dela em linguagem receptiva, emitiram mais comportamentos de protestar e do total de comportamentos negativos.

Segundo Lima e Almeida (2007), há uma relação mútua entre recepção e expressão da linguagem, visto que a linguagem receptiva diz respeito à compreensão da palavra dita apoiada pelo aparato visual e auditivo e a linguagem expressiva refere-se à habilidade da expressão verbal ou não-verbal da comunicação. Deste modo, as autoras ressaltam que só após a compreensão de elementos fundamentais da linguagem que esta pode ser expressada.

Araújo, Marteleto e Shoen-Ferreira (2010), evidenciam que a compreensão da linguagem na criança pequena antecede a expressão oral da comunicação. Na comparação entre linguagem expressiva e os comportamentos da díade, os dados obtidos demonstraram que bebês com pontuação na média ou acima dela, emitiram com maior frequência o total de comportamentos negativos e não interativos, e os bebês que pontuaram abaixo ou muito abaixo da média, apresentaram com maior frequência o total de comportamentos positivos. Tais resultados parecem indicar que quanto mais evoluída a linguagem dos bebês da amostra estudada, seja expressiva ou receptiva, mais eles a utilizam para chamar a atenção das mães com comportamentos interativos negativos.

As mães dos bebês que pontuaram na média ou acima dela em linguagem expressiva, apresentaram mais comportamentos negativos e não interativos, apesar de terem emitido mais comportamentos de atrair, cuidar e observar o bebê, que são positivos, do que as mães do grupo de bebês que pontuaram abaixo ou muito abaixo da média. Porém, as mães dos bebês que obtiveram pontuação abaixo ou muito abaixo da média em linguagem expressiva apresentaram com maior frequência os comportamentos de brincar, acalmar, acariciar e o total de comportamentos positivos. Tais resultados sugerem que bebês com linguagem menos evoluídas tem mais atenção positiva de suas mães.

Estudos conduzidos com diferentes delineamentos de pesquisa que tem como objetivo examinar os efeitos dos comportamentos maternos no desenvolvimento da linguagem de crianças através de filmagens demonstraram que, de modo geral de que mães que apresentam na interação com seus filhos comportamentos de responsividade, estimulação cognitiva, sensibilidade e elaboratividade estão associados positivamente ao desenvolvimento de habilidade linguísticas nas crianças (SONG; SPIER; TAMIS-LEMONDA, 2014, TAMIS-LEMONDA, 2008; TAMIS-LEMONDA; SHANNON; CABRERA; LAMB, 2004).

Os estudos de Tamis-LeMonda et al. (1996) também encontraram que as respostas interativas das mães estavam positivas associadas aos comportamentos de brincar das crianças, como os encontrados no presente estudo, ainda que com populações de idades diferentes. Este dado foi confirmado com o estudo de Song, Spier e Tamis-LeMonda (2014) realizado com crianças de dois a três anos, que mostraram que a diversidade e a quantidade de palavras utilizadas pelas mães têm implicações nas habilidades cognitivas das crianças avaliadas. É possível concluir sobre a importância da interação mãe-bebê desde muito cedo para o desenvolvimento adequando da linguagem, seja expressiva ou receptiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo pretendeu analisar a linguagem receptiva e expressiva de bebês aos três meses de idade assim como os comportamentos interativos maternos e dos bebês, comparando-os e correlacionando-os. Os resultados de linguagem, avaliada pelas Escalas Bayley apontaram para melhor desempenho da amostra em linguagem expressiva do que receptiva. Quanto aos comportamentos interativos observou-se que as mães utilizaram mais comportamentos positivos assim como os seus bebês, ainda que apresentassem uma frequência semelhante de comportamentos não interativos. Por isso observou-se uma correlação moderada de comportamentos maternos de atrair e acalmar o bebê com o objetivo de envolvê-lo na interação. Observou-se, ainda, que quanto menos evoluída a linguagem mais a mãe se preocupa em interagir positivamente com seu bebê. Tais dados indicam que a filmagem é uma ferramenta importante para a análise dos comportamentos interativos e os dados obtidos com as Escalas Bayley apontaram para a necessidade de intervenções com as mães, sugerindo intervenções que as auxiliem na promoção da linguagem de seus bebês

poderão ser realizados a partir dos episódios interativos via vídeo feedback. Portanto, estudos futuros poderão ser realizados nesta direção.

Quanto as hipóteses inicialmente colocadas a primeira delas foi confirmada, observando-se relação positiva entre os comportamentos interativos positivos das mães e dos bebês, assim como entre os negativos e os não interativos de cada par da díade. A segunda hipótese também foi confirmada não encontrando diferenças significativas entre os desempenhos dos bebês em linguagem receptiva e expressiva. A terceira hipótese foi refutada, uma vez que não houve diferenças significativas entre os comportamentos positivos de interação considerando o desempenho em linguagem receptiva bebês com desempenho na média ou acima dela em linguagem expressiva ou receptiva tem mais comportamentos positivos de interação. A quarta hipótese foi confirmada parcialmente uma vez que mães de bebês com pontuações maiores em linguagem receptiva apresentaram mais comportamentos de interação positiva enquanto as mães de bebês que tiveram pontuação mais baixa em linguagem expressiva apresentaram mais comportamentos interativos positivos.

Entre as limitações deste estudo estão o número limitado de participantes e o uso de apenas um procedimento de filmagem, mais estruturada. Filmagens em interação livre poderiam dar outras informações sobre a interação mãe-bebê que poderiam resultar em outras correlações com desempenho em linguagem ou, também, confirmar os dados já obtidos. Sugere-se, portanto, estudos com mais de um tipo de filmagem.

Um outro ponto que apareceu nos estudos analisados foi a influência de variáveis sociodemográficas no desenvolvimento de linguagem. Também é uma possibilidade de análise que pode colaborar para o conhecimento de variáveis que influenciam o desenvolvimento da linguagem e que poderiam ser alvo de políticas públicas para garantir o desenvolvimento pleno das nossas crianças.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. V. M.; MARTELETO, M. R. F.; SCHOEN-FERREIRA, T. H. Avaliação do vocabulário receptivo de crianças pré-escolares. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v.27, n. 2, p. 169-176, 2010.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. (Original publicado em 1952).
- BARROS, R. S. Uma introdução ao comportamento verbal. **Rev. bras. ter. comport. cogn.**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 73-82, 2003.
- BAYLEY, N. **Bayley scales of infant development**. San Antonio, TX: The Psychological Corporation, 1969.
- BAYLEY, N. **Escalas Bayley de Desenvolvimento Infantil Terceira Edição: Manual de administração**. Pearson, 2017.
- BIJOU, S. W.; BAER, D. M. **Psicología del desarrollo infantil: Teoría empírica y sistemática de la conducta**. México: Editorial Trillas, 1978. Tradução de Francisco Montes. Originalmente publicado em 1961.
- BORLOTI, E. As relações verbais elementares e o processo autoclítico. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 6, n. 2, p. 221-236, 2004.
- BORGES, L. C.; SALOMÃO, N. M. R. Aquisição da linguagem: considerações da perspectiva da interação social. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 327-336, 2003.
- BTESHE, M.; ETELLITA-LINS, C. Os diferentes usos do vídeo no cuidado à saúde materno-infantil. **RECHS**, v.5, n.2, p.53-64, 2011.
- BÜHLER, K. E. C. B. **Desenvolvimento cognitivo e de linguagem expressiva em bebês pré-termo muito baixo peso em seus estágios iniciais**. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BRANDÃO, S. R. S. **Desempenho na linguagem receptiva e expressiva de crianças com Síndrome de Down**. Dissertação (Mestrado em Distúrbios da Comunicação Humana) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

CAMARGO, J. F. Os gestos na comunicação mãe-bebê: um estudo longitudinal. **Psicologia do Desenvolvimento**, v.15, n.2, p.652-670, 2015.

CANO, D. S.; SAMPAIO, I. T. A. O método de observação na psicologia: considerações sobre a produção científica. **Interação em Psicologia**, v. 11, n. 2, p. 199-210, 2007.

CICCHETTI, D. V. Guidelines, criteria, and rules of thumb for evaluating normed and standardized assessment instrument in psychology. **Psychological Assessment**, 1994.

CHIODELLI, T. **Temperamento e prematuridade: influências sobre a interação mãe-bebê**. 2016. 133f. Dissertação (Mestrado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2016.

CHOW, S. M.; HALTIGAN, J. D.; MESSINGER, D. S. Dynamic infant-parent affect coupling during the face-to-face/still-face. **Emotion**, v.10, n.1, p. 101–114, 2010.

DANNA, M. F.; MATOS, M. A. **Aprendendo a observar**. São Paulo: Edicon. 2006.

DESSEN, M. A.; MURTA, S. G. A metodologia observacional na pesquisa em psicologia: uma visão crítica. **Cadernos de Psicologia**, v.1, p. 47-60, 1997.

FERNANDES, L. V. et al. Avaliação do neurodesenvolvimento de prematuros de muito baixo peso ao nascer entre 18 e 24 meses de idade corrigida pelas escalas Bayley III. **Rev. Soc. Bol. Ped.**, v.53, n.2, p. 94-104, 2014.

FARIA, A. FUERTES, M. Reactividade infantil e a qualidade da interação mãe-filho. **Análise Psicológica**. v.25, n.4, p. 613-623, 2007.

FERRACINI, F. et al. Avaliação de vocabulário expressivo e receptivo na educação infantil. **Revista de Psicopedagogia**, v.23, n. 71, p. 124-133, 2006.

FLEUREN, K. M. et al. New reference values for the Alberta Infant Motor Scale need to be established. [Acta Paediatr.](#) v. 96, n. 3 p.424-7, 2007.

FRANCO, E. C.; LOPES, A. C.; LOPES-HERRERA, S. A. Linguagem receptiva e expressiva de crianças institucionalizadas. **Rev. CEFAC**, São Paulo, v. 16, n. 6, p. 1837-1841, 2014.

FUERTES, M. et al. Momentos de interação em que as emoções se apre(e)ndem: estudo exploratório sobre a prestação materna e infantil em jogo livre. **Psicologia USP**, v. 21, n.4, p. 833-857, 2011.

FUERTES, M. **Rotas da vinculação: o desenvolvimento do comportamento interativo e a organização da vinculação no primeiro ano de vida do bebê prematuro**. Doutorado. Universidade do Porto, 2005.

GEHM, T. P. **Reflexões sobre o estudo do desenvolvimento na perspectiva da Análise do Comportamento**. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GÓES, F. V. **Neurodesenvolvimento em pré-termos nascidos com idade gestacional inferior a 33 semanas avaliados pela Escala Bayley 3ª edição**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2011.

GOLINKOFF, R. M., et al. Language matters: denying the existence of the 30-million-word gap has serious consequences. **Child Development**, v.90, n.3, p. 985-992, 2019.

GONÇALVES, I. M. G. **Estudo sobre a qualidade da autorregulação do bebê na situação face-to-face-still-face com o pai**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) Escola Superior de Educação de Lisboa/Instituto Politécnico de Lisboa, Lisboa, 2015.

GUIMARÃES, C. F.; ODA, A. L. Instrumentos de avaliação de linguagem infantil: aplicabilidade em deficientes. **Rev. CEFAC**, v.15, n.6, p. 1690- 1702, 2013.

GIUSTI, L.; PROVENZI, L. MANTIROSSO, R. The Face-to-Face Still-Face (FFSF) paradigm in clinical settings: Socio-emotional regulation assessment and parental support with infants with neurodevelopmental disabilities. **Frontiers in Psychology**, v.9, p. 1-10, 2018.

HOFF, E. Language development at an early age: learning mechanisms and outcomes from birth to five years. **Encyclopedia on early childhood development**, p.1-4, 2009.

HOLTH, P. An operant analysis of Joint Attention skills. **Journal of Early and Intensive Behavior Intervention**, v.2, n.3, p-160-175, 2005.

KREPPNER, K. Sobre a maneira de produzir dados no estudo da interação social. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 17, n. 2, p. 97-107, 2001.

LIMA, C. S.; ALMEIDA, M. A. Características da linguagem receptiva e expressiva de indivíduos deficientes mentais. In: **Anais do Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial**, ISBN 978-85-99643-11-2, Londrina. *Anais*: Universidade Estadual de Londrina, 2007.

LINHARES, M. B. M. et al. Suporte psicológico ao desenvolvimento de bebês pré-termo com peso de nascimento <1500g na UTI e no seguimento longitudinal. **Temas em Psicologia**, v.7, n.3, p.245-262, 1999.

LOTZIN, A. et al. Observational tools for measuring parent-infant interaction: a systematic review. **Clinical Child and Family Psychology Review**, v. 18, n. 2, p. 99–132, 2015.

MADASCHI, V. et al Bayley-III Scales of Infant and Toddler Development: Transcultural Adaptation and Psychometric Properties. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 26, n. 64, p. 189-197, 2016.

MEDEIROS, C. S.; SALOMÃO, N. M. R. Interação mãe-bebê com deficiência visual: estilos comunicativos e episódios interativos. **Estudos de Psicologia**, v.29, p. 751-760, 2012.

MESMAN, J. et al. The many faces of Still-face Paradigm: A review and meta-analysis. **Developmental Review**. v.29, p. 120-162, 2009.

MOUSINHO, R. et al. Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir nesse percurso. **Rev. Psicopedagogia**, v. 25, n, 78, p.297-306, 2008.

MURTA, A. M. G. et al. Cognição, motricidade, autocuidados, linguagem e socialização no desenvolvimento de crianças em creche. **Revista Brasileira de Crescimento Desenvolvimento Humano**, v.21, n.2, p. 220-229, 2011.

NASCIMENTO, C. R. **Instrumentos de avaliação de linguagem para bebês entre 0 e 12 meses de idade**. Monografia (Graduação em Fonoaudiologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, T.A. P.; GIL, M. S. C A. Elementos fundamentais para aquisição de operantes verbais por bebês: análise comportamental da atenção compartilhada. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v.9, n.2, p. 217-225, 2007.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sóciohistórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

PERISSINOTO J., ISOTANI, S. M. Desenvolvimento da Linguagem: Programa de Acompanhamento de recém-nascidos de risco. In: Hernandez AM. **Conhecimentos essenciais para atender bem o neonato**. São José dos Campos: Pulso, p.113-121, 2003.

RODRIGUES, O. M. P. R. Escalas de desenvolvimento infantil e o uso com bebês. **Educação em Revista**, n. 43, p. 81-100, 2012.

SCHWENGBER, D. D. S.; PICCININI, C. A. Depressão materna e interação mãe-bebê no final do primeiro ano de vida. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 20, n. 3, p. 233-240, 2004.

SEARLE, J. R. **Intencionalidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (Original publicado em 1969).

SEIDL-DE-MOURA, M. L., et al. Conhecimento sobre desenvolvimento infantil em mães primíparas de diferentes centros urbanos do Brasil. **Estud. psicol. (Natal)**, v. 9, n. 3, p. 421-429, 2004.

SEIDL-DE-MOURA, M. L. et al. Interações mãe-bebê de um e cinco meses: aspectos afetivos, complexidade e sistemas parentais predominantes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 66-73, 2008.

SHERMACK, K. Q. O desenvolvimento linguístico infantil na perspectiva interacionista: o papel do outro na aquisição da língua materna. P.1-10, 2011. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sial/2011/src/20.pdf>

SILVA, N. D. S. H. Instrumentos de avaliação do desenvolvimento infantil de recém-nascidos prematuros. **Rev. Bras. De Cresc. e Desenv.** V.16, m.2, p.77-87, 2011.

SILVA, I. B.; LINDAU, T. A.; GIACHETI, C. M. Instrumentos de avaliação da linguagem falada de pré-escolares nascidos prematuros: uma revisão de literatura. **Revista Cefac**, v.19, n.9. p. 1-9, 2017.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SKINNER, B. F. **O comportamento verbal**. Cultrix, 1957.

SONG, L.; SPIER, E. T.; TAMIS-LEMONDA, C. S. Reciprocal influences between maternal language and children's language and cognitive development in low-income families. **Child Lang.** p. 305-326, 2014.

TAMIS-LEMONDA, C. S. et al. Responsive parenting in the second year: specific influences on children's language and play. In C. S. Tamis-LeMonda (guest editor), **Parenting sensitivity: individual, contextual and cultural factors in recent conceptualizations, thematic issue of Early Development and Parenting 5**, 173–83, 1996.

TAMIS-LEMONDA, C. S. et al. Fathers and mothers at play with their 2- and 3-year-olds: contributions to language and cognitive development. **Child Development** v. 75, p. 1806–820, 2004.

TRENADO, R.; CEREZO, M. A. Codificación de la Interacción Temprana Materno Infantil en su versión revisada, CITMI-R. *Documento no publicado. Universidad de Valencia*, 2007.
TRONICK, E. Things still to be done on the still-face effect. **Infancy**, v. 4, n. 4, p. 475–482, 2003.

VARGAS, E. A. O Comportamento Verbal de B. F. Skinner: uma introdução. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 9, n. 2, p. 153-174, 2007.

VIANA, T. P.; ANDRADE, I. S. N. LOPES, A. N. M. Desenvolvimento cognitivo e linguagem em prematuros. **Audiol. Commun. Res.**, v.19, n.1, p. 1-6, 2014.

WEISS, L. G.; OAKLAND, T.; AYLWARD, G. P. **Bayley-III- Uso Clínico e Interpretação**. Pearson Clínica, 2017.

YUAN, S.; FISHER, C. "Really? She blicked the baby?": two-year-olds learn combinatorial facts about verbs by listening. **Psychol Sci**. V.20, n.5, p.619-26, 2009

APÊNDICE A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O presente instrumento atende às exigências da Resolução n. 446, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional da Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos.

Eu, _____, portador/a da cédula de identidade _____, responsável da(o) menor _____, após leitura deste documento e explicações dadas pelos pesquisadores sobre a pesquisa, autorizo a utilização dos dados obtidos no projeto: **“Prematuridade: percepção materna, saúde emocional materna, interação mãe-bebê e desenvolvimento infantil”**, para eventual comunicação, publicação e/ou reprodução dos mesmos em trabalho científico, ressalvando o sigilo e a ética no que se refere a qualquer informação que permita a identificação minha ou do meu filho. Estou ciente de que não teremos nenhum ônus referente a participação na mesma e que poderei deixar participar a qualquer momento sem prejuízo de outras atividades que participo no projeto de extensão “Acompanhamento do desenvolvimento de bebês: avaliação e orientação aos pais” na Clínica de Psicologia Aplicada no campus da UNESP Bauru – SP. Fui informado que em caso de dúvida, deverei procurar a responsável pelo projeto, a Prof. Dra. Olga Maria Piazzentin Rolim Rodrigues, que deverá ser contatada pelo telefone (14) 3103 6090. O projeto tem como objetivos: promover o desenvolvimento motor, social, cognitivo e de linguagem de bebês, a partir de uma avaliação inicial e reavaliações mensais, encaminhando-os para avaliações mais acuradas nas diferentes especialidades e, identificar indicadores emocionais de mães de bebês, antes e depois da participação de em programas de atendimento terapêutico.

Caso o/a participantes da pesquisa queira apresentar reclamações em relação a sua participação na pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da UNESP, campus de Bauru, situado na Avenida Eng. Luiz Carrijo Coube, 14-01.

Por estar de acordo, assino o presente termo.

Bauru, ____ de _____ de 2018

Assinatura do responsável

ANEXO A: Critério de Avaliação Econômica Brasil – ABEP

CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA BRASIL - ABEP

Nº CPA _____ Nome do bebê: _____

Data: _____

Agora vou fazer algumas perguntas sobre itens do domicílio para efeito de classificação econômica. Todos os itens de eletrônicos que vou citar devem estar funcionando, incluindo os que estão guardados. Caso não estejam funcionando, considere apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

Instrução: Todos os itens devem ser perguntados pelo entrevistador e respondidos pelo entrevistado.

Vamos começar? No seu domicílio tem..... (leia cada item).

Itens de conforto	Não possui	Quantidade que possui			
		1	2	3	4+
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular					
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana					
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho					
Quantidade de banheiros					
Quantidade de DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel					
Quantidade de geladeiras					
Quantidade de freezers independentes ou parte de geladeira duplex					
Quantidade de microcomputadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones					
Quantidade de lavadora de louças					
Quantidades de fornos de micro ondas					
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional					
Quantidade de máquinas de secar roupas, considerando lava e seca					

A água utilizada é proveniente de?	
1	Rede geral de distribuição
2	Poço ou nascente
3	Outro meio

Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a sua rua é:	
1	Asfaltada/pavimentada
2	Terra/cascalho

Qual é o grau de instrução do chefe da família? Considere como chefe da família a pessoa que contribui com maior parte da renda do domicílio.

Nomenclatura atual	Nomenclatura anterior
Analfabeto/Fundamental I Incompleto	Analfabeto/Primário Incompleto
Fundamental I completo/fundamental II incompleto	Primário I completo/Ginásio incompleto
Fundamental II completo/Médio incompleto	Ginásio completo/Colegial incompleto
Médio Completo/Superior incompleto	Colegial Completo/Superior incompleto
Superior Completo	Superior Completo